

© Cosac Naify, 2015
© Diego Vecchio, 2006

Imagem de capa *Dennis Kunkel Microscopy, Inc [vírus da varíola]*
Texto de orelha *Mathieu Lindon, Libération, 17/6/2010 (editado)*

Coordenação editorial **Livia Deorsola**
Preparação **Diogo de Hollanda**
Revisão **Tomoe Moroizumi, Fábio Bonillo**
Projeto gráfico **Arthur Vergani, Gabriela Castro**
Produção gráfica **Mariana Tavares Geraldo**

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2º andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3218 1473
professor@cosacnaify.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vecchio, Diego [1969-]
Título original: *Microbios*
Tradução: Paloma Vidal
São Paulo: Cosac Naify, 2015
192 pp.

ISBN 978-85-405-0917-7

1. Ficção argentina I. Título
CDD 868.9932

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção argentina 868.9932

O homem das formigas desaparefadoras

Quando Roderick Glover fez dezoito anos, seus pais lhe deram o presente pelo qual ansiava há muito tempo. Venderam a granja de Littleton, a poucas milhas de Christchurch, Nova Zelândia, com suas quatrocentas ovelhas, para pagar por cinco anos de estudo de literatura grega na Universidade de Oxford.

Roderick Glover sempre sonhara em viajar. E desde menino sempre sonhara em estudar literatura, em particular literatura grega. Nunca se atrevera a pensar que um dia faria uma viagem ao Velho Mundo, nada mais nada menos do que à Inglaterra, nada mais nada menos do que a Oxford.

Bastava essa palavra ser pronunciada para que aparecesse em sua mente um torvelinho de imagens que o deixavam todo arrepiado: os jardins concebidos por Lancelot Capability Brown, sem uma linha reta sequer, em que o natural se confundia com o artificial e o belo com o sublime; um grupo de estudantes ensaiando uma cena de *Tito Andrônico* de Shakespeare; doutores peripatéticos entrando e saindo da biblioteca Bodleian sob uma tênue chuva; um veado erguendo a cabeça entre as sarças do Deer Park; o campanário da catedral batendo às cinco da tarde; os vitrais pré-rafaelitas da igreja de St. Mary; o Uccello do Museu Ashmolean; esquilos saltando entre a relva de uma colina; barcas subindo à sombra dos álamos o curso

do Isis (o Tâmis não poderia reter seu nome profano em Oxford).

Não foi de se estranhar que a ansiedade da viagem tivesse provocado em seus nervos neozelandeses uma impressão demasiado forte. Mal tinha desembarcado em Dover e, enquanto caminhava pelo cais do porto arrastando seu baú, sentiu que a têmpora esquerda começava a latejar, com um latejo tenebroso.

Em poucos segundos aconteceu o que tão frequentemente lhe acontecia. Sentiu que lhe ardia o olho esquerdo, como se estivesse a ponto de chorar. Da glândula lacrimal, contudo, não saiu uma só lágrima, mas uma formiga e depois outra e outra e outra. Quando deu por si, tinha o corpo coberto de formigas, que haviam saído não apenas de seus olhos, mas também de suas orelhas, nariz e boca, uma por uma, em fileira, sem trégua, agitando patas e antenas, abrindo e fechando as mandíbulas, carregando rainhas, ninfas e crisálidas. Deram-lhe pontadas horríveis no crânio, do lado esquerdo. As formigas estavam desaparefando o parietal, o frontal, o temporal. Sentiu que o esfenoide estava se desprendendo. Viu estrelas. De repente, ficou tudo escuro e ele ficou cego por algum tempo. Quando voltou a ver, já não havia mais formigas. Sentiu um profundo alívio. Cada osso do crânio estava em seu lugar, perfeitamente aparafusado. Mas, naquela mesma noite, ele acordou com uma enxaqueca que durou três dias, sem interrupção, durante os quais se viu obrigado a ficar na

cama, no quarto de um hotel imundo em Londres, no escuro, com uma compressa de água gelada na testa, sem comer nem dormir nem falar. A luz, o barulho e o movimento lhe eram insuportáveis.

Oxford o decepcionou terrivelmente.

No Keble College, as condições de vida dos estudantes de recursos mais modestos eram deploráveis. Pagando um aluguel escandalosamente alto, conseguiu o quarto mais úmido do pavilhão residencial, em Cowley, a algumas milhas do centro, com vista para uma das fábricas Morris.

A zeladora era uma tal de Mrs. Kettlewell, uma viúva que perdera o marido e os dois filhos durante a Grande Guerra. A cada manhã ela lhe servia o mesmo café, que incluía uma xícara de chá morno, umas rodela de pão, uma porção de manteiga rançosa, umas fatias de bacon. Aos domingos e nos feriados tinha direito a um ovo de codorna.

Salvo poucas exceções, os professores do Keble College eram os mais antigos de toda Oxford. Roderick Glover, que se imaginara assistindo às aulas do helenista genial que colocaria ponto final na querela sobre a verdadeira identidade de Homero, teve de se conformar em traduzir Hipônax, sob a palmatória de um professor que usava um paletó desbotado, com os ombros cobertos de caspa.

Isso para não falar de seus colegas de estudo. Roderick, que havia pensado em dividir seus dias e suas

noites com condiscípulos fora de série, cujos nomes figurariam nos anais da história, das artes e das ciências, teve que se resignar com a companhia de uns arrogantes. Os atletas o menosprezavam por sua constituição fraca e sua inaptidão no remo, no golfe, no críquete. E os estetas o menosprezavam por seu modo de vestir-se, que os fazia pensar em um ornitorrinco.

Não foi de se estranhar que, depois de algum tempo, tais decepções tenham terminado arruinando seu pobre sistema nervoso neozelandês. Em Oxford lhe ocorria cada vez mais o que Roderick chamava de *desaparafusamento*, mas que nós, seguindo a nomenclatura atualmente em voga, denominaremos, apesar de suas deficiências, *enxaqueca*.

É verdade que Roderick sofrera de enxaquecas desde menino. Em sua árvore genealógica crescia um ramo enxaquecoso que remontava, pelo menos até onde iam seus conhecimentos, a James Glover, o ancestral que chegou à Nova Zelândia trazendo em sua bagagem uma enxaqueca imune a todos os tratamentos, que o obrigava a ficar de cama durante dias, na penumbra e no silêncio, com uma compressa de gelo na testa. Mas também é verdade que Oxford agravara essa predisposição hereditária. Que ninguém pense que a enxaqueca é uma fatalidade. Por acaso seus sete irmãos não levavam uma vida perfeitamente normal, criando filhos e ovelhas, gozando de perfeita saúde, numa granja da península de Banks, a poucas milhas de Christchurch?

Os ataques de enxaqueca começavam sempre da mesma maneira: com uma formiga que lhe saía de algum poro, como uma gota de suor, e depois outra e outra, armadas com instrumentos que os homens haviam inventado para domar as forças indômitas da natureza e que as formigas utilizavam para dominar o homem através da dor, desaparecendo os ossos da têmpera esquerda de Roderick, não sem fúria, a fim de afundar na abóbada craniana uma forquilha que perfurava o centro mais carnudo de seu cérebro.

Para amenizar as dores, um médico lhe aconselhou um tratamento com cafeína. Roderick começou a beber vários litros de café por dia. Em vez de melhorar, a cafeína agravou ainda mais seu mal. O café o deixava irritado e sem sono, e o nervosismo e a falta de sono tornavam suas enxaquecas mais violentas. Procurou outro médico, que lhe propôs um tratamento com brometo por via oral. Mas esse tratamento não deu o menor resultado, a não ser uma secura na boca, lesões cutâneas, náuseas. Outro médico lhe prescreveu injeções de tartarato de ergotamina, que tampouco produziram o efeito desejado, a não ser enjoos, cólicas, azia. Um professor quis cortar sua artéria temporal, mas Roderick, desengano com tantos fracassos, se recusou.

Como sentiu que a medicina o abandonara, decidiu abandonar a medicina. Preferiu viver suas enxaquecas a portas fechadas. Ser ao mesmo tempo o médico e o paciente, a dor e o analgésico, a saúde e a doença.

Roderick não demorou a descobrir que uma maneira de combater as enxaquecas era concentrando-se em algo que não fosse a enxaqueca, pensando intensamente em outra coisa. Por exemplo, contando até cem, rezando cem vezes uma mesma oração, imaginando uma história. O problema era que Roderick sentia uma profunda aversão pela aritmética, se aborrecia completamente com a religião e tinha muito pouca imaginação. Não lhe restou outro remédio senão inventar um novo tratamento contra a cefaleia.

Quando sentia que a artéria temporal esquerda começava a latejar, Roderick se precipitava sobre algum autor grego, como se fosse uma aspirina. E começava a traduzir. Quando as formigas desapareciam, apareciam, seu cérebro estava totalmente absorto na tradução. Desse modo a dor passava quase que sem perceber.

Está demonstrado que o cérebro não pode se ocupar de duas ideias de uma vez. Quando um cérebro traduz, reza, conta, imagina, não pode sofrer. E quando sofre, não pode imaginar, contar, rezar, traduzir. Por isso mesmo, para atenuar as enxaquecas, é necessário que a tradução, a invenção, a oração, a conta, precedam a dor. Quando aparece a dor, de nada serve imaginar, contar, rezar, traduzir. Para que a oração, a contagem, a imaginação, a tradução, sejam analgésicos eficazes, é mister que o cérebro esteja convenientemente capturado por essas atividades mentais antes que as primeiras dores se manifestem. Assim, rezar equivale a dez gramas de

paracetamol. Contar até cem, a cinquenta gramas. Imaginar uma história, a setecentos e cinquenta. Traduzir, a duzentos e setenta e cinco.

Em vez de inibir sua atividade intelectual, a enxaqueca a estimulou. Enquanto seus colegas abandonavam Oxford para casar-se, ocupar um posto de funcionário na Índia, esbanjar a fortuna familiar nos braços de uma mulher infame que trabalhava em uma taverna infame (ou, de acordo com o gosto, afogar-se no rio abraçado ao corpo de outro rapaz), Roderick Glover ganhou com suas traduções o reconhecimento de todos os professores.

Entre eles estava um certo Mr. Hartley, do Trinity College, um dos maiores especialistas em Hipócrates. Havia vários anos, Mr. Hartley se dedicava a uma tradução monumental do *Corpus Hippocraticum*, invejada de todas as línguas e de todas as épocas. Ele pretendia eclipsar com sua tradução a tradução francesa de Émile Littré, cheia de erros que fariam um principiante enrubescer. Não por acaso havia publicado um opúsculo que desencadeara uma polêmica, intitulado *Mil duzentos e trinta e sete erros de tradução do Corpus Hippocraticum cometidas por M. Émile Littré, identificados, criticados e convenientemente emendados para a saúde da humanidade*.

Mr. Hartley aplicava escrupulosamente a seu trabalho um princípio anti-homeopático que proscovia as traduções que abordavam as mesmas doenças que

afligiam o tradutor. Esse tipo de coincidência, assegurava Mr. Hartley, deixava a porta aberta para os piores equívocos. O tradutor não podia evitar projetar seus próprios achaques sobre o original, cometendo assim os erros mais grosseiros. Émile Littré poderia ter sido um excelente tradutor de Hipócrates se tivesse gozado de uma excelente saúde. Ou, mais exatamente: se não tivesse cometido a besteira de traduzir *Olhos* com um princípio de catarata, ou então *Natureza dos ossos* sofrendo de osteíte, de origem seguramente sifilítica.

Por sorte, a saúde de Mr. Hartley era quase perfeita, a não ser por um problema ligado à vida sedentária: as hemorroidas. Mr. Hartley era um desses típicos homens de letras que trabalhavam dez horas por dia, sem interrupção, apoiando o peso do corpo em um só glúteo: o glúteo esquerdo. Não era de se estranhar que, ao fim de alguns anos, as nádegas de Mr. Hartley tenham se ressentido. Ao redor do orifício anal se formaram uns anéis de cor azul-violeta, que doíam insuportavelmente durante as evacuações. Ou simplesmente quando tossia.

Ele já havia traduzido sozinho, com muita boa vontade, quase todo o *Corpus Hippocraticum*. Mas suas dores não apenas o impediam de se sentar. Também o impossibilitavam de traduzir um tratado breve, mas não por isso menos interessante, até então injustamente esquecido, intitulado *Hemorroidas*. Ele traduzira sem inconvenientes *Fístulas*, mas de *Hemorroidas* não podia sequer se aproximar sem começar a sentir um ardor.

Não havia outro remédio a não ser pedir a outro tradutor que fizesse o que ele não podia. Convocara uns vinte candidatos, mas nenhum lhe apresentara uma tradução digna de estima. Como ele era de uma exigência feroz, ninguém conseguia trabalhar sob sua direção.

Mr. Hartley convocou Roderick Glover, sem grandes esperanças. Depois de um escrupuloso interrogatório para verificar não apenas seus conhecimentos mas também seu histórico clínico, decidiu lhe dar uma oportunidade. Roderick era a pessoa ideal para traduzir e fazer as notas de *Hemorroidas*. No fim das contas, ele pensou, suas doenças respectivas se complementavam. O reverso das hemorroidas era a enxaqueca. O alto era o correlato do baixo, o seco do úmido, o dianteiro do derradeiro, o nobre do vulgar, o que se pode mostrar do que se deve ocultar. Deu-lhe um mês para apresentar uma primeira versão.

Roderick se entregou a esse trabalho com afínco. Leu e releu o tratado até sabê-lo de cor. E sob a titilante luz de uma lamparina de querosene, pôs-se a traduzir.

Traduziu algumas páginas e lhe pareceram muito boas. Releu-as e lhe pareceram muito ruins. Afinou e remendou. Apagou e rasgou. Emagreceu e engordou. Começou de novo, ocupando-se das notas, deixando a tradução para mais tarde.

Afundou-se na delicada questão do autor e da data de composição. Teve noites excelentes e péssimas manhãs. Deitou-se cheio de inspiração e acordou de mau

humor. Sentiu-se genial. E logo depois imbecil. Passou vários dias sem conseguir tocar nos seus papéis. Chegou a odiar profundamente Hipócrates.

Não foi de se estranhar que tantas tensões acabassem agravando seus ataques de enxaqueca. Certa noite, enquanto traduzia – ou melhor dizendo: enquanto tentava traduzir para prevenir um ataque de enxaqueca –, teve a desagradável sensação de estar sentado sobre um objeto molenga: um esquilo! Levantou-se enojado. Quantas vezes não lhe havia ocorrido, ao entrar em seu quarto e acender a luz, de dar com um esquilo oxfordiano, comodamente instalado sobre sua mesa, comendo a página de seu dicionário de grego em que se encontrava o indispensável verbete sobre *algema*, um dos quatro termos que em grego designam a dor? Mas na cadeira não havia nada. Absolutamente nada. Tinha sido pura ilusão, como as famosas cócegas na perna que sentem os doentes que acabaram de ter uma perna amputada, e que não são bom sinal.

Sentou-se e não demorou a sentir uma mordida na polpa da nádega esquerda. Levantou-se de um salto. Dessa vez ele pensou que se tratasse de algum verme que havia se escondido em algum orifício da madeira. Seria uma formiga desaparafusadora que em vez de sair do corpo saía dos objetos em contato com seu corpo? Observou a cadeira detidamente, em busca do tal buraco. Mas sobre a cadeira não havia nada. Ou melhor, sim. Do encosto saíam três ou quatro anéis de

fumaça branca. O estranho era que não havia nenhum fogo aceso no quarto. Enquanto Roderick se perdia em toda espécie de inspeções, a fumaça se extinguiu.

Voltou a se sentar e novamente sentiu uma dentada na polpa da nádega, desta vez a direita. Examinou com atenção a cadeira, os pés para cima, os pés para baixo. Continuava sem haver nada. Desta vez nem fumaça sequer. E ele teve uma impressão arrepiante: a arrepiante sensação de ter sido mordido por uma cadeira.

Sentiu os sintomas premonitórios de um ataque de enxaqueca. Disse a si mesmo então que o trabalho o estava esgotando. Que seu cérebro, por culpa de tantas leituras em grego, estava ficando ressecado. Abriu as janelas para que entrasse um pouco de ar fresco. Preparou um chá e pôs seu gorro de dormir, com a intenção de não tirá-lo até o meio-dia do dia seguinte. Ao apoiar a cabeça no travesseiro, caiu em um sono profundo.

Não demorou a acordar sobressaltado por um alvoroço horripilante. A cadeira, a mesa e os outros móveis do quarto, incluindo sua cama, não paravam de se mover e bater uns nos outros. E isso não foi tudo. As janelas abriam e fechavam violentamente, como se pelo quarto circulasse uma corrente de ar vinda diretamente do mar de Ross, enquanto no exterior reinava uma noite de verão, sem um pingo de vento.

Pensou outra vez naquelas estranhas sensações que precediam seus ataques de enxaqueca e temeu pelo pior.

Mas os ruídos também chegaram até Mrs. Kettlewell, que não sofria de enxaqueca. Mrs. Kettlewell acordou sobressaltada e correu para o quarto dele, enfurecida. No mesmo instante em que bateu à porta, os objetos deixaram de se mover. Quando Roderick Glover abriu, ela não conseguiu acreditar no que seus olhos viam. Roderick Glover não soube o que dizer nem como explicar o estado de desordem em que se encontrava seu quarto.

Ele não teve outro remédio senão suportar o sermão que lhe fez Mrs. Kettlewell, recordando-lhe que aquela casa era um lugar de estudo e descanso. E que ela de nenhum modo poderia tolerar, em nome de sua própria reputação e da dos demais – aqui pigarreou –, aquela conduta e aquele barulho a altas horas da noite. E essa não era a primeira vez. Já estava farta, verdadeiramente farta. Não era difícil compreender os motivos que a forçavam a pedir-lhe – aqui fez uma voz mais grave – que no dia seguinte, antes das onze da manhã, logo depois de pagar-lhe o aluguel e de deixar o quarto perfeitamente arrumado, ele fosse embora. A decisão era irrevogável.

Assim que Mrs. Kettlewell se retirou, Roderick Glover começou a fazer suas malas. Sua artéria temporal esquerda latejava horripilantemente. Sentia que sua cabeça ia estourar a qualquer momento. Enquanto arrumava sua mala, a cadeira começou novamente a perambular de um extremo ao outro do quarto e a dar saltos mortais no ar. No lugar da dança, agora era o circo.

Roderick não achou graça alguma naquela demonstração de acrobacia. Se aquele barulho voltasse a chegar aos ouvidos de Mrs. Kettlewell, ela o expulsaria de sua pensão naquela mesma noite, sem nenhum tipo de consideração. Era até capaz de chamar a polícia! De modo que ele se lançou sobre a cadeira. Quando a agarrou por uma das pernas, sentiu que de seu nariz saía uma formiga e depois outra e mais outra, em fileira, agitando patas e antenas, abrindo e fechando mandíbulas, carregando rainhas, ninfas e crisálidas. Seus olhos reviraram e ficaram brancos. Ele sentiu que o cérebro também se revirava e tudo ficou negro.

Quando recobrou a consciência, a cabeça não doía. Pelo contrário, sentia um profundo bem-estar. Deu-se conta de que durante um ou dois minutos (talvez uma ou duas horas) estivera sentado na cadeira, em frente de sua escrivaninha, rascunhando um papel. Observando com atenção os tais rascunhos, Roderick Glover percebeu que se tratava na realidade de uma escrita invertida, que deveria ser lida refletida em um espelho. Foi o que ele fez, descobrindo, não sem estupor, uma mensagem de além-túmulo, assinada por ninguém menos que Hipócrates, em um inglês bastante aceitável.

Hipócrates pedia-lhe desculpas por aquela apresentação tão abrupta, mas muito mais grosseiro e inoportuno havia sido o espírito que se manifestou às irmãs Fox, em Hydesville. E deixando de lado tanto protocolo, porque as comunicações com o além estavam cada vez

mais caras, foi diretamente ao assunto. Já fazia alguns anos que Hipócrates seguia com toda a discrição, desde o mundo de além-túmulo, as traduções de suas obras. Ao ver as dificuldades impostas por *Hemorroidas*, um de seus tratados preferidos, decidiu transmigrar do além para cá, para dar-lhe uma ajuda. Nada melhor do que um diálogo com o autor para solucionar aqueles problemas que lhe causaram tantas dores de cabeça. Cham-pollion, que queimou as pestanas durante anos para resolver o enigma dos hieróglifos egípcios, encontrou a solução em duas noites, conversando tête-à-tête com Cleópatra. Estaria ele interessado nessa oferta excepcional? Tinha tempo para pensar. Até amanhã.

Roderick Glover leu a mensagem várias vezes. Não conseguia acreditar. Ele não havia sido mordido pela cadeira, como pensara ridiculamente no início. O espírito de Hipócrates o havia mordido, com sua dentadura incorpórea, encarnado, por assim dizer, naquela cadeira. Ficou arrepiado. Não restavam dúvidas.

Ou sim.

Como aceitar uma ideia tão estapafúrdia? Ele era reticente para reconhecer a existência de fenômenos paranormais. Essas histórias de um além-túmulo não haviam inspirado nele senão escárnio e incredulidade. Não tinha nenhum inconveniente em qualificar todas aquelas histórias de telegrafia ultraterrena de farsa, de desprezível mentira, de porcaria de invenções, para uma inteligência de dois xelins.

Mas os fatos se impunham de uma maneira avassaladora, como o resultado de certas operações aritméticas, que postulam, sem mais, que dois mais dois são quatro. Voltou a ler a mensagem. Apareceram algumas dúvidas. Como explicar aquela habilidade, até então desconhecida, de escrever invertido? Ou o fato de escrever com uma letra que não era a sua?

Então algo aconteceu que dissipou todas as dúvidas.

Hemorroidas abriu-se de par em par. O lápis com que havia trabalhado se ergueu do porta-lápis para pousar sobre o tratado, como uma libélula, e sublinhar uma frase do primeiro parágrafo que, deu-se conta naquele momento, havia esquecido de traduzir. Se ele tivesse entregado uma versão com tal omissão, Mr. Hartley nunca o teria perdoado.

E isso não foi tudo.

Ele tinha uma garrafa de vinho da Nova Zelândia guardada cuidadosamente no armário para uma ocasião especial. A garrafa se abriu sozinha. Dela saiu um jorro, que desenhou um arco no ar e caiu em uma taça que se encontrava sobre sua escrivaninha, sem derramar nem uma gota sequer. A taça de vinho, sem que ninguém a tocasse, deslizou até ele e se deteve a poucos centímetros de sua mão. Ele ouviu (ou acreditou ouvir) uma voz apagada, como que saindo de debaixo da terra, que sussurrou: "Tchin-tchin".

Não lhe restavam dúvidas: ele havia recebido naquela noite uma visita ultraterrena de Hipócrates. A prova

irrefutável era a frase que ele se esquecera de traduzir, sublinhada no texto do tratado por uma mão invisível, e as gotas de vinho da Nova Zelândia que cintilavam no fundo de uma taça.

No dia seguinte, Roderick Glover alugou um quarto situado a sete milhas do centro, na casa de uma certa Mrs. Hodgson, uma viúva tão recalcitrante quanto Mrs. Kettlewell, mas que ao menos lhe oferecia a vantagem de ser um pouco ruim do ouvido e viver só. Isso lhe permitiu adentrar nesse mundo que acabara de descobrir sem ser incomodado.

Durante várias noites, recebeu a visita de Hipócrates, que o ajudou a traduzir e fazer as notas de *Hemorroidas*, tal como lhe havia prometido. Evidentemente, Roderick teve que pagar um preço por essa ajuda. Hipócrates, o espírito de Hipócrates, o espírito que se fazia chamar Hipócrates, exigiu que Roderick lhe cedesse o usufruto de algumas partes de seu corpo, para alojar alguns espíritos amigos que, nostálgicos das alegrias e das penas da vida terrestre, há tempos buscavam a possibilidade de reencarnar, ainda que fosse apenas no cóccix, já não como residência principal mas como osso de fim de semana.

Roderick aceitou, dizendo a si mesmo que de qualquer modo iria ceder a Hipócrates aquelas partes ressonáveis pela enxaqueca, das quais ele sempre quis se livrar. Timócrates, um dos pacientes de Hipócrates, reencarnou no osso temporal e Tésalos, um de seus

filhos, na artéria temporal. Os ataques de desaparecimento desapareceram. Roderick ficou muito satisfeito com essa troca. Com muita frequência, é melhor perder do que conservar certas vísceras. Quem deseja um fígado cirrótico? Um coração com artérias obstruídas? Um cérebro esclerosado?

Os espíritos reencarnavam com uma presença leve, quase imperceptível, a não ser por umas cócegas. O aluquel incluía não apenas as comunicações por tempo ilimitado com o além, mas também a instalação gratuita do espíritografo, que consistia em dois eletrodos colados à têmpora e conectados a um lápis por um fio de cobre. Graças ao espíritografo, ele podia captar com toda fidelidade as vozes de além-túmulo que retumbavam em sua mente e transcrevê-las com uma perda mínima para uma folha de papel, fixada diante de um espelho.

Com a ajuda de Hipócrates, Roderick Glover pôde fazer em poucos dias aquilo que teria levado meses para fazer sozinho. Quando entregou a Mr. Hartley a primeira versão da tradução anotada de *Hemorroidas*, Mr. Hartley mal podia acreditar. O trabalho estava perfeito. Por mais que ele o lesse e relesse, não conseguia encontrar um defeito sequer, nem a menor das inexactidões. E como se isso fosse pouco, Roderick havia conseguido traduzir, não sem engenho, duas ou três passagens obscuras, que nem ele mesmo teria sabido como traduzir.

Era possível?

Mr. Hartley convocou Roderick e Roderick revelou-lhe os segredos de sua tradução. No início, Mr. Hartley o considerou totalmente pirado. Mas, ao reconsiderar a qualidade do trabalho, começou a vacilar. Era inegável que havia algo de paranormal naquela tradução. Não sem certo tom gozador, pediu que Roderick lhe apresentasse Hipócrates.

Mr. Hartley se conectou ao espíritografo e manteve um diálogo de além-túmulo que o arrepiou. Hipócrates lhe contou sobre seus anos de formação na ilha de Cós, sua amizade com Demócrito, a recusa da proposta do rei persa Artaxerxes I, a estadia em Tessália. Como era natural, fez-lhe também uma proposta.

O mal denominado *Corpus Hippocraticum*, disse Hipócrates a Mr. Hartley, não eram mais que os restos de uma obra que, depois de sucessivas invasões, incêndios, saques, roubos, foi perdendo braços, pernas, olhos, língua, dentes, unhas, pelos, até tornar-se um monte de ossos dispersos, que foram recebendo títulos pomposos, tais como *Epidemias*, *Aforismos*, *Prognósticos*, *Doenças sagradas* e assim por diante. Hipócrates estava disposto a revelar-lhe aquilo que ninguém conhecia: os fragmentos definitivamente perdidos de sua obra. O que era necessário traduzir não eram os restos que sobreviveram ao naufrágio, mas o tesouro que havia afundado no oceano.

O coração de Mr. Hartley começou a bater descontroladamente. Desde criança ele sonhava em fazer uma

grande descoberta. Desde criança desejava ser um novo Heinrich Schliemann, que, em vez de exumar as ruínas de Troia, descobriria algum manuscrito perdido. Uma terceira epopeia de Homero! Agora apresentava-se uma oportunidade que ele não podia desperdiçar. Trazendo à luz os escritos perdidos de Hipócrates, ele não apenas revolucionaria o estreito círculo dos heilenistas como também o mundo dos homens de letras, fundando um novo método filológico, que poderia se chamar, por que não, crítica de além-túmulo. A crítica de além-túmulo estudaria aquilo que escapava à crítica terrena: as literaturas desaparecidas de todas as épocas e lugares, devido a pilhagens, assaltos, incursões, fogueiras, guerras, inundações, terremotos.

Evidentemente, havia um preço. Para revelar-lhe os escritos perdidos do *Corpus*, Hipócrates não exigia um simples osso mas, como era natural, um corpo inteiro: o corpo de Mr. Hartley. O preço pareceu excessivo a Mr. Hartley. Mas, como sua ambição era muito mais forte do que o sentimento de pertencimento a suas próprias vísceras, aceitou, considerando que mais tarde seria possível voltar a negociar o contrato. Ele cedeu a Hipócrates, a título de experiência, o plexo hemorroidário em troca de *Gânglios linfáticos*. Entregando-lhe uma parte que lhe provocava tantas dores, não perdia grande coisa. Ao contrário, ganhava. Era um bom negócio. Durante uma semana, viveu sem hemorroidas e foi feliz.

Mas Hipócrates quis mais.

Mr. Hartley viu-se obrigado a se desfazer dos intestinos em troca de *Ortopedia dentofacial*. E em troca de *Fleumas* teve que entregar o pâncreas, o fígado e a vesícula. Este sim foi um mau negócio. Sem esses órgãos era impossível fracionar as albuminas e peptonas em aminoácidos, hidrolisar o amido ou simplesmente decompor os dissacarídeos em monossacarídeos.

Implacável, Hipócrates também não parou por aí.

Mr. Hartley teve que entregar, em troca de *Murmúrios vesiculares*, o estômago e o esôfago; a cavidade bucal ele trocou por *Doenças do ouvido interno*. Mr. Hartley podia, sim, ler e traduzir, mas já não podia falar nem bocejar, e muito menos triturar alimentos.

Ele pensou que Hipócrates teria um pouco de piedade. Mas se enganou. Hipócrates revelou-se um homem de negócios dos mais inflexíveis. Em troca de *Tratado dos terçoís*, Hipócrates exigiu o usufruto dos outros sistemas. Mr. Hartley não teve outro remédio senão vender, um por um, os órgãos de seus sistemas respiratório, circulatório, nervoso, glandular, urinário. De qualquer modo, ter em suas mãos aqueles escritos perdidos o fazia tão feliz que já não lhe importava ter de traduzir sem coração, sem rins, sem pulmão, sem nervos, sem músculos, sem glândulas.

Quando Hipócrates lhe revelou *Higiene e alimentação do lactante*, Mr. Hartley – ou, melhor dizendo, os restos do que em algum momento se chamara Mr.

Hartley – vivia entrincheirado no útero, recebendo as informações do mundo exterior (percepções) sob a forma de ondas telepáticas e emitindo as informações do mundo interior (afetos e pensamentos) escrevendo em um papel, com a ajuda do espirítografo.

Foi então que explodiu o escândalo. *Light*, um dos principais periódicos da imprensa espírita, revelou a existência de vários casos semelhantes ao de Mr. Hartley em Oxford.

Em troca de informações sobre a vida íntima de Napoleão, Mr. Ashburner, professor emérito do Magdalen College, havia perdido todas as partes do corpo, salvo o pé esquerdo, que lhe servia para falar, escrever, sentir, sonhar, pensar, amar e odiar. O mesmo ocorrera com Eusapia Britten, do Trinity College. Joana D'Arc, o espírito de Joana D'Arc, o espírito que se fazia chamar Joana D'Arc, a havia saqueado, deixando-a fechada e amarrada na trompa de Eustáquio. Por um diálogo com Virgílio, William Gladstone, do St. Paul College, perdera todos os órgãos do corpo, salvo o nervo trigêmeo. Platão arrebatara as falanges, falanginhas e falangetas de Edeline Thomson, do St. Patrick College, incluindo um anel de diamantes que seu marido lhe dera como presente de casamento.

A *Society for Psychical Research* teve de intervir para restabelecer a paz e a ordem. Ao fim de várias semanas de investigação, realizadas por uma equipe de trinta médiuns, o reverendo Fowler, presidente da associação, revelou a verdade, numa conferência.

Atualmente, explicou o reverendo Fowler, o além atravessava uma das piores crises da história, por culpa de um excesso populacional. Com a explosão demográfica que se produzira na terra, o aumento de nascimentos havia sido acompanhado, como era natural, por um aumento de óbitos, a tal ponto que a quantidade de espíritos que habitavam o mundo de além-túmulo havia centuplicado nos últimos séculos. Já não havia lugar no além, nem mesmo no centro do inferno. Com a chegada de mais de quinhentos mil mortos por dia, a situação se tornara crítica. A miséria havia chegado até mesmo ao paraíso. Espíritos insignes como Shakespeare, Dante e Santo Agostinho viviam em condições de amontoamento inaceitáveis.

Aos espíritos não restara outro remédio além da transmigração. No início a onda transmigratória aliviou a situação. Mas rapidamente começaram a faltar corpos humanos na terra para a reencarnação. Na falta de corpos inteiros, os espíritos tiveram de aceitar partes de corpos. Daí a indesejável multiplicação de traficantes de órgãos, como Hipócrates, ou, melhor dizendo, o espírito de Hipócrates, ou, ainda mais precisamente, o espírito que se fazia chamar Hipócrates, mas que também se fazia chamar, de acordo com a vítima, Napoleão, Joana D'Arc, Virgílio, Platão.

Houve um julgamento, nos tribunais de além-túmulo, contra os traficantes de órgãos. Hipócrates foi detido e condenado à prisão perpétua. Antes de ser

encarcerado, devolveu a seus legítimos donos as diferentes partes usurpadas.

Depois desse escândalo, a crítica de além-túmulo foi estritamente proibida em Oxford e em outras universidades do continente. Seus adeptos tiveram que emigrar para países do Novo Mundo para praticar com toda liberdade a nova ciência.

Roderick Glover voltou para a Nova Zelândia. Ele fundou em Christchurch a Sociedade para Investigações Palerliterárias. Essa sociedade conta atualmente com mais de mil membros ativos, uma revista intitulada *Luz Astral* e uma biblioteca em que as obras principais de várias literaturas definitivamente perdidas podem ser consultadas, entre as quais a literatura creto-micênica, a literatura javanesa, a literatura esquimó, a literatura fenícia, a literatura mongol e sobretudo a antiga literatura coreana, que produziu uma obra maravilhosa, que até hoje só podia ser lida em uma tradução chinesa bastante defeituosa: *O canto dos pássaros azuis*.

A dama das flores

O *Magyar Nemzet*, um dos principais jornais matutinos de Budapeste, deu a notícia com esta manchete: "Incêndio florestal sem precedentes na Ilha Margarida arrebatada de nossa cidade um pulmão vegetal". E logo depois, em letras menores: "Até o momento, trinta hectares foram queimados a despeito do denodado esforço de nossos bombeiros. Centenas de pessoas tiveram que ser evacuadas. As autoridades desconhecem as causas do desastre".

Poucas horas depois, Anasztazia Pécsely, a autora do sinistro, se apresentou voluntariamente à polícia, explicando, não sem jactância e ligeiramente excitada, as motivações do crime. Ou melhor, dos crimes. Porque, antes de incendiar a Ilha Margarida (*Margitsziget*, em húngaro), a srta. Pécsely apunhalou e esquartejou sua criada, Zsuzsanna Kuzska. E logo depois, ao sair à rua, atirou com uma arma de fogo contra os transeuntes, semeando pânico e morte pelo caminho. Ao chegar à Ilha Margarida, verteu vários litros de combustível sobre uma mata de lírios. E riscou um fosforo.

As flores – disse a srta. Pécsely, antes de ser trancada em um calabouço, vigiada por dez guardas –, as flores são governadas pelo único elemento que fala: a água. Por isso, a única maneira eficaz de fazê-las calar é o silêncio. Quer dizer: o fogo. Febo é um nome para nomear aquilo que até hoje eu nunca pude nomear: o terror.